

Marcílio cultua a autoridade

89

Fernando César Mesquita

Brasília — Agentes policiais prenderam, numa tarde de maio de 1958, em Fortaleza, três repórteres da Rádio Dragão do Mar que falavam mal do Governo do Estado usando alto-falantes instalados numa Kombi, em frente ao edifício da Assembléia Legislativa, no Centro da cidade. Os jornalistas foram levados para o QG da Polícia Militar e, quando seus colegas, em grande número, se aproximaram da guarnição, foram recebidos pela tropa entrincheirada e com armas engatilhadas.

Quem mandou prender os repórteres — e só os liberou quando bem entendeu, no meio da madrugada, depois de muitos apelos de políticos e entidades de classe — foi o então Governador Flávio Marcílio, vice-governador no exercício do cargo e professor catedrático de Direito Internacional Público da Universidade Federal do Ceará.

Autoritário, prepotente e exageradamente cônscio de sua autoridade em qualquer função pública, como o define um velho amigo e compadre, Marcílio também sabe ser solidário. Em 1973, em Taiwan, Capital de Formosa, em missão como presidente da Câmara, ele se recusou a cumprir a programação oficial se o jornalista que acompanhava a delegação brasileira não pudesse ter acesso aos encontros com os ministros e outras autoridades. Só cedeu quando os deputados foram recebidos por Madame Chiang-Kai-Shek, viúva do velho Marechal, cujo protocolo proibia expressamente a presença de repórteres.

Piauiense, 65 anos, pai de quatro filhas e um filho, casado com D. Nícia, irmã da mulher do Senador Virgílio Távora, D. Luiza, o terceiro homem na ordem de sucessão do Presidente da República é obstinado em seus objetivos, "um profissional, um gladiador", como o definiu o Senador José Sarney, presidente do PDS,

quando explicava a alguns jornalistas, há dois meses, por que o representante do Ceará era imbatível em sua aspiração de presidir a Câmara novamente.

Articulador competente, Marcílio conversou nos últimos dois meses com os governadores eleitos e com os que estavam em exercício, além de ter telefonado para quase todos os deputados do PDS, antigos e novos. Seu segredo é o apoio que dá aos deputados em suas reivindicações internas, na Câmara e junto ao Governo, ao mesmo tempo em que luta pelo restabelecimento das prerrogativas do Congresso. O apoio de Paulo Maluf lhe foi dado sem compromissos, ele garante.

Marcílio mandou construir, no seu mandato anterior de presidente, o edifício que leva seu nome e que abriga os gabinetes dos deputados, uma obra cara e de necessidade discutível. Tem até um tapete rolante subterrâneo, porque fica distante do prédio principal da Câmara, do outro lado da rua. Foi no mandato anterior, de 1979 a 1980, que nomeou 30 jornalistas para o Serviço de Divulgação da Câmara e 23 assessores especiais com salários que chegam hoje a mais de Cr\$ 500 mil, cargos para os quais foram designados parentes de parlamentares.

De hábitos moderados, Marcílio dorme e acorda muito cedo. Gosta de boas roupas, gravatas de seda e sapatos italianos, além de comer e beber bem. Tem uma grande coleção de música clássica e leu muita literatura de ficção. Amigo de ministros poderosos como Ernane Galvães e Delfim Neto, o presidente da Câmara usa as amizades influentes para ajudar empresários de seu Estado nas dificuldades financeiras que vez por outra atravessam. Dizem pessoas chegadas a ele que é um homem sem grandes recursos financeiros, pessoalmente inatacável, mas que sabe viver.